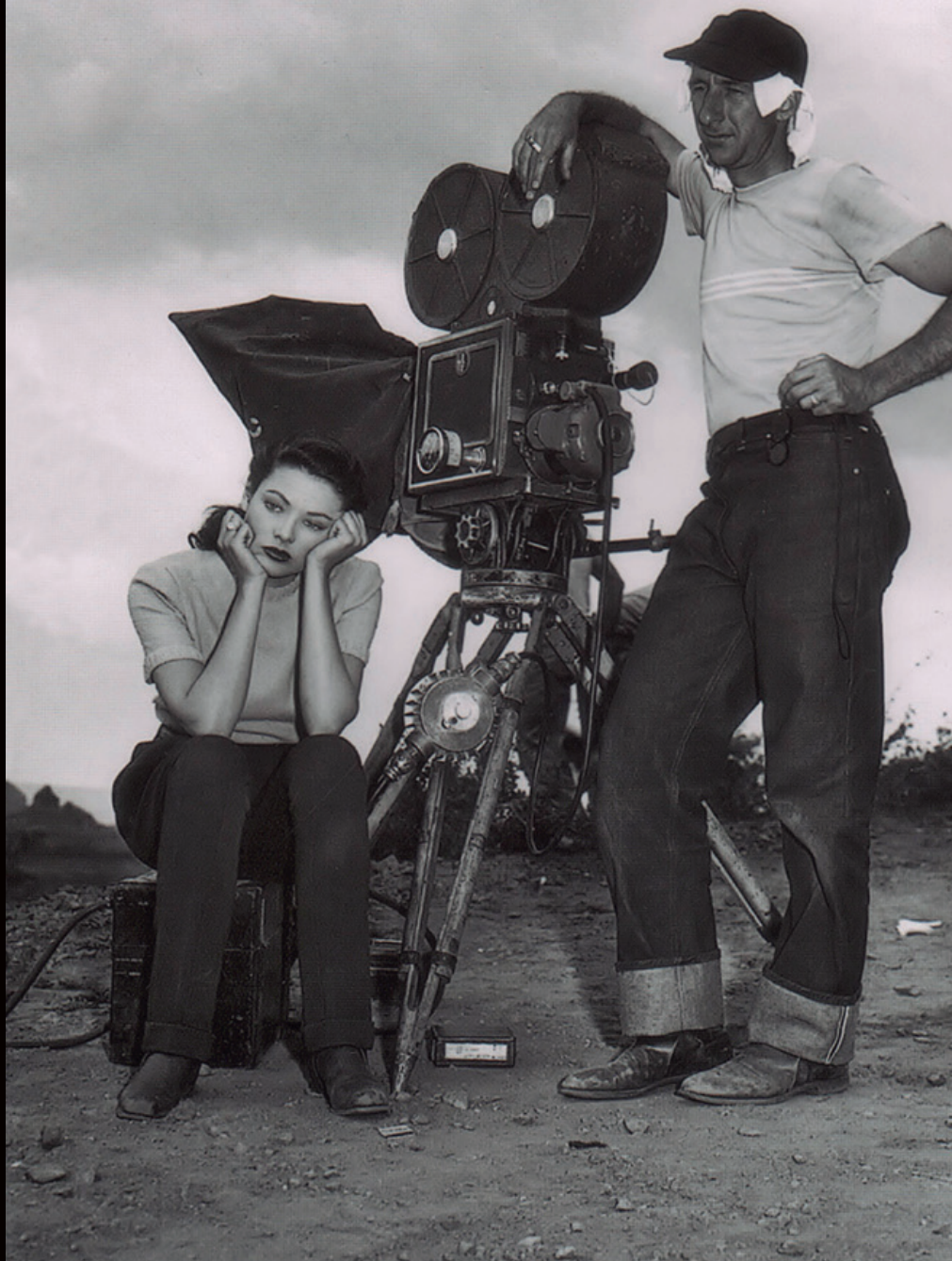


# Javier Marías

## Os domínios do lobo



# Índice

Prólogo de Elide Pittarello	9
Nota à edição de 1987	17
Os DOMÍNIOS DO LOBO	23
Um epílogo: Contra a costureira e o decorador	255

---

# Prólogo

Não é invulgar que poetas jovens tenham talento lírico, mas é raro que narradores jovens inventem uma história interessante. No entanto, Javier Marías conseguiu-o com *Os domínios do lobo*, romance escrito no final dos anos sessenta e publicado em 1971. Era a sua primeira obra impressa, à exceção de uma narrativa breve. Tinha-o começado ainda antes dos 18 anos e em poucos meses estava terminado. Sobre as divertidas circunstâncias que contribuíram para a sua existência, o próprio autor nos informa em pormenor no início deste livro, com a ternura irónica de alguém que percorreu um longo caminho desde então. Não há dúvida de que hoje é outro. Pela idade e também pelo estilo, o que Javier Marías hoje escreve é realmente muito diferente do seu primeiro romance. E, no entanto, não lhe é alheio, porque o conjunto da sua narrativa mantém elementos desse início que se foram apurando com o tempo. Um, de carácter geral, diz respeito ao processo de reinvenção da realidade sem o qual não haveria literatura. Outro, mais específico, diz respeito à liberdade de abordar com humor qualquer situação, mesmo as violentas. Este é o grande privilégio da ficção literária segundo Javier Marías. Brincar com as atrocidades é catártico, ajuda a compreender o que deve ser simplesmente reprovado na vida real. Mas estas são reflexões da maturidade. A frescura experimental que transparece em *Os domínios do lobo*, epopeia burlesca da maldade humana que tem como cenário os Estados Unidos, é muito diferente.

As personagens, os lugares e os tempos são americanos. Estamos nos *roaring twenties* do século passado, com o capitalismo selvagem das grandes cidades que isola a arcaica cultura rural; o proibicionismo puritano da Lei Seca que fomenta o crime

organizado; a divulgação de diferentes géneros de música popular — *jazz, blues, swing* — e o nascimento da indústria cinematográfica. O romance termina na década seguinte, quando «a era do desejo» chega ao fim com a crise de 29 e o New Deal de Roosevelt. No entanto, nenhum destes dados é explicitamente mencionado no romance. Bastam algumas datas no primeiro capítulo e outras no último para abarcar um contexto que parecerá familiar até a quem nunca tenha posto os pés naquele país, nem saiba grande coisa da sua história. Mesmo o autor, que lá viveu em dois períodos durante a sua infância, esgrime uma experiência de outra índole, mimética ou em segunda mão, ao alcance de todos os que admiram o grande cinema americano dos anos quarenta e cinquenta.

O mundo de *Os domínios do lobo* procede dos seus filmes mais famosos e também dos mais esquecidos. É uma ficção de ficções, um caleidoscópio de aventuras vistas primeiro no ecrã e, em seguida, passadas para a página. Não se trata de certas cenas que têm um papel relevante na criação da história, como acontecerá nos romances *Coração tão branco* e *Amanhã na batalha pensa em mim*; neste caso, todo o material é «de filme», transformado em narrativa de um escritor que desabrocha e que era, além disso, um espectador compulsivo.

O seu treino tinha começado na infância, quando via dois filmes por semana e os contava aos colegas da escola. O imediatismo da narrativa oral é uma das chaves do estilo de *Os domínios do lobo*, que foi abandonado imediatamente a seguir. A ação é rápida, a descrição breve e o diálogo, ágil. Um discurso essencial que, em alguma medida, confina com o estilo dos guiões, cuja técnica Javier Marías tinha ensaiado na sua própria família: com o realizador Jesús Franco (ou Jess Frank), o tio transgressor que mais o fez rir e lhe desvendou truques do ofício; e com o primo Ricardo Franco, filho de outro irmão da mãe, de quem foi assistente quando este filmou a sua primeira longa-metragem. Ricardo era dois anos mais velho do que ele e morreu prematuramente, tendo conseguido concretizar a sua vocação de realizador

de cinema. O cúmplice adolescente de então, que conseguiu ser escritor, lembra hoje com especial carinho a paixão partilhada de uma época em que tudo era ainda expectativa, atrevimento e riso.

Escrever *Os domínios do lobo* significou então para Javier Mariás passar do fazer ao dizer, forjar-se na linguagem literária, inspirando-se sem grande reverência nos escritores norte-americanos que andava a ler um pouco ao acaso, de Faulkner e Melville a Dashiell Hammett, Flannery O'Connor ou SS Van Dyne. A atitude inicial foi lúdica, talvez porque fosse muito sério aquilo que arriscava. Representar por escrito as histórias do cinema, seccioná-las e montá-las numa bricolage descontraída, foi simultaneamente uma homenagem e um ganhar de distância. A escrita afastava, por um lado, a imaginação do terreno físico, entregando-a à onnipotência imaterial do pensamento; por outro lado, consolidava o rasto indelével de experiências que estavam, na sua maioria, destinadas a perder-se. Naquele tempo não havia vídeo, podia ser difícil voltar a ver os filmes favoritos. Usá-los num romance foi, afinal, preservá-los através de uma memória criativa, a mais devota, mas também a mais livre.

A adoção da abordagem paródica mantém, no entanto, uma fidelidade oposta aos modelos subjacentes. Se, como revelou o escritor, entre o grande número de filmes que inspiraram o seu romance estão, por exemplo, histórias de paixões extremas, como *A vida é um jogo*, *E tudo o vento levou*, *Intriga internacional* ou *Esplendor na relva*, temos de nos perguntar se a opção por aquela modalidade narrativa não se deverá a um instinto saudável (e inconsciente) de defesa. Transformar as circunstâncias aniquiladoras em cómicas implica esquivar-se à afetividade, tornar-se invulnerável em face do que fere. Rindo-se dos tormentos dos adultos que aquele tipo de cinema representava, o futuro romancista finge um olhar superior, inventa um narrador desinibido que brinca com o mal e o neutraliza.

A história é, neste sentido, exemplar. O colapso da família Taeger, originalmente pertencente à alta burguesia de Pittsburgh, é o ponto de fuga das andanças de muitas personagens sem

escrúpulos que matam com facilidade e traem sempre. Desde o primeiro capítulo, o tratamento humorístico da violência, uma matéria trágica por excelência, predispõe ao esquecimento das regras de coexistência numa sociedade complexa, ao desfrutar de atos contrários à ordem moral e jurídica, cometidos por vagabundos e magnatas, *gangsters* e detetives, atores e cantores. Todas estas personagens têm em comum o móbil premente do dinheiro e do sexo, qualquer que seja o ambiente correspondente: uma prisão no estado do Mississípi, um iate em São Francisco, um salão de baile em Chicago, uma mansão em Beverly Hills ou um clube noturno em Nova Iorque. São peripécias feitas de estereótipos que ativam a comicidade por elipse. A degradação é um efeito da economia do discurso. Crimes esquematizados sucedem-se com a velocidade de um turbilhão, poupando as críticas e as emoções. Não se julga nem se deplora; ri-se. Um prazer que substitui as certezas da razão e as incógnitas do sentimento.

Ao exagerar a brutalidade até ao limite da caricatura fantástica, a perspetiva de *Os domínios do lobo* é tão implausível e alegre que acaba por ser inocente. Os seus episódios divertem como contos infantis espontaneamente cheios de malvados, embora a surpresa final devolva o jogo ao terreno da literatura, onde não há pacto que não se possa quebrar.

Para este autor, o final não é e nunca foi definitivo: abre interrogações ao invés de oferecer soluções.

Rompendo com as tendências do romance espanhol do pós-guerra, tanto a tradicional como a inovadora, Javier Marías decidiu silenciar qualquer referência ao seu país, como se *Os domínios do lobo* fosse uma tradução. Outros jovens escritores o faziam. Eram os seus amigos, os *Novísimos*, os rebeldes de gostos cosmopolitas que viraram as costas a toda a tradição autóctone, exceto à obra de Vicente Aleixandre e a alguns poetas da geração de 27. Franco ainda estava vivo e o paradoxo de escrever como estrangeiros significava, entre outras coisas, rejeitar a imagem oficial da Espanha, a do nacionalismo autoritário e folclórico com o qual não se identificavam. Críticos houve que não entenderam

o exercício de irrealidade de *Os domínios do lobo*, apesar do seu sucesso ou talvez por isso mesmo. O jovem Javier Marías, que nunca acoplou o antifranchismo à literatura, foi considerado um traidor. Foi uma falta de clarividência. Hoje, é um romancista de fama internacional, e ninguém sensato diria que não parece espanhol.

ELIDE PITTARELLO



## Nota à edição de 1987

Ao terminar o meu primeiro ano de universidade, em junho de 1969, quando tinha ainda 17 anos, fugi para Paris. Não foi uma fuga dramática, e não se deveu decididamente a qualquer altercação séria com os meus pais ou a estar naquele momento sujeito a uma disciplina férrea. Menos ainda se deveu a alguém se ter assenhoreado da minha vontade hesitante e arrastado para lá com promessas de riqueza ou amor. Naquela altura, Paris já estava pouco associada a este tipo de bênçãos. Para dizer a verdade, eu associava-a mais ao cinema do que à liberdade, e foi por causa do cinema que fugi.

Creio que poucas semanas antes tinha decidido escrever um romance cuja ação teria lugar na América do Norte. Não se tratava, no entanto, de uma América real, e por isso nunca me ocorreu — suspeito, aliás, dos métodos *à la* Zola — tentar ir aos Estados Unidos para a escrever. Nem os meus meios mo teriam permitido, já que mal me davam para chegar a Paris. Tinha acabado de ganhar o meu segundo ou terceiro salário traduzindo, mal e em colaboração com o meu primo Carlos Franco, alguns guiões de filmes de terror. Esse trabalho tinha-nos sido entregue na nossa qualidade de mão de obra barata e através de um tio comum, o realizador de cinema Jesús Franco, que naqueles anos fez várias versões de Drácula e Fu-Manchu com um Christopher Lee decadente como protagonista. Além disso, o meu tio morava em Paris, na altura.

Em Paris havia a famosa Cinémathèque de Henri Langlois, e eu sabia da existência de numerosas salas-estúdio que, de acordo com as regras impostas pela *nouvelle vague* e os *Cahiers du cinéma*, se dedicavam a programar freneticamente cinema americano dos

anos trinta, quarenta e cinquenta. Esse ia ser (já era, na verdade) o meu principal material, e considereei que o melhor que podia fazer para escrever o romance que tinha em mente era passar uma temporada no único lugar do mundo em que podia estar em contacto permanente com esse material.

Os meus pais não se opuseram, em princípio, à viagem. Mas tal como era uma sorte o meu tio Jesús viver em Paris, era um azar que outro parente meu se encontrasse também ali a viver naquele momento. Este segundo parente — que na verdade era primo direito de um dos meus pais e que eu mal conhecia — era o adido naval da embaixada espanhola na capital francesa, e foi para sua casa que eles concordaram em mandar-me, partindo do pressuposto de que aí levaria uma vida ordenada e controlada. Eu via essa possível vida tão rígida como a de um guarda-marinha, enquanto o meu tio Jesús me oferecia o seu apartamento só para mim, uma vez que ele ia passar o verão a filmar noutro país. Mas Jesús Franco — mais conhecido como Jess Frank — não era nada bem visto pela minha família. Além de se ter tornado especialista em filmes de terror, era um prolífico realizador de filmes pornográficos.

O que assustava os meus pais — o que podia acontecer-me por viver sozinho em casa de um pornógrafo internacional, por mais que ele fosse irmão e cunhado — era justamente o que me atraía. Entre ficar em casa de um adido naval e na de um consumado pornógrafo a escolha era clara, mas os meus pais opuseram-se à segunda hipótese. A luta que se seguiu foi resolvida pela minha impaciência final e a minha decisão de fugir.

Já tinha redigido algumas páginas do meu projetado romance quando, num dia de julho, apanhei um comboio para Paris às escondidas. Deixei ao meu primo um bilhete para entregar aos meus pais, em que lhes dava conta da minha fuga, e aquele bilhete — segundo as minhas instruções — só lhes foi entregue depois das dez da noite, hora a que estava previsto o comboio atravessar a fronteira. Não recordo quase nada da viagem — lembro-me apenas de um amável checoslovaco que me ofereceu do seu

almoço — mas respirei de alívio quando chegámos ao território francês.

Passsei um mês e meio em Paris a viver numa certa contradição. Por um lado, tinha à minha disposição um apartamento espaçoso e confortável, perto dos Campos Elíseos — 15, rue Freycinet — com um salão dominado por um piano de cauda branco e estantes abarrotadas, efetivamente, de revistas eróticas. Por outro lado, quase não tinha dinheiro; e, acima de tudo, o pouco que tinha, e que ia ganhando de maneira constrangedora, era inteiramente destinado a pagar os bilhetes de cinema, e talvez uma das recordações mais nítidas dessa estada sejam os meus frequentíssimos almoços e jantares à base de pão com mostarda (sem sequer uma salsicha dentro) no meio do salão erótico. A dieta melhorou apenas durante a semana que o meu primo Carlos passou comigo, no mês de agosto. Ele também se sentiu encorajado a fugir, embora a sua fuga tenha sido breve e sem que os seus pais, a gozarem as férias de verão, tenham chegado a saber. Não só me trouxe algum dinheiro, como a sua presença representou uma segunda fonte de rendimentos.

Naquela época, eu atrevia-me a maltratar uma guitarra e a cantar, com afinação inexistente, canções de Bob Dylan e de outros arrastadores de voz. As minhas manhãs parisienses eram passadas em casa, a escrever, com disciplina, paixão e inocência, o livro que têm agora nas mãos. À tarde andava de cinema em cinema, cumprindo o meu objetivo de ficar imerso no material que me estimulava. À noite, tinha a desconsideração de me aproximar, com a minha defunta guitarra, das esplanadas dos Campos Elíseos e atormentar durante vários minutos os pacíficos cidadãos aí sentados, a quem em seguida pedia *quelque chose pour un étudiant*: incorri em todos os estereótipos da época. E quando o meu primo veio, oferecíamos também, dispostos no chão, os desenhos que ele fazia. Hoje, que o meu primo Carlos Franco é um pintor cada vez mais apreciado, não posso deixar de me perguntar se aqueles transeuntes generosos que lhos compraram por cinco francos terão tido a paciência de os conservar.

Durante o mês e meio que me aguentei em Paris à base de pão com mostarda, vi — nunca esquecerei este número — oitenta e cinco filmes, embora nem todos fossem americanos. E não comprei nada. Quando regresssei, o romance estava quase terminado, e acho que no mês de outubro lhe terei posto ponto final. Não me tinha passado pela cabeça a ideia de tentar publicá-lo, de modo que me limitei a emprestá-lo a alguns amigos, que me deram a opinião deles e se divertiram a lê-lo. Seguindo alguns dos seus conselhos, submeti-o a inúmeras alterações e cortes (devem ter sumido cerca de oitenta páginas), daí a data de conclusão que aparece no final do livro ser janeiro de 1970.

Já contei oralmente, mas nunca por escrito, como cheguei a publicar *Os domínios do lobo*. A verdade é que ainda não tinha esse título quando conheci Vicente Molina Foix, que ia ser publicado numa antologia poética, e pouco depois Juan Benet. Durante o ano letivo de 1969-70, dei em ir à noite para um local de Madrid em que as pessoas do cinema e das letras se encontravam e que felizmente não era o café Gijón. Em algumas dessas noites, à saída do local, um grupo de amigos onde me incluía mudava-se para o Paseo de Recoletos, ali próximo, e aí, na calçada dura, eu cometia a imprudência de fazer algumas acrobacias e piruetas, arte em que era bastante mais hábil do que com a guitarra. O gosto por ganhar dinheiro na rua fez com que Molina e Benet se tornassem pouco menos do que meus empresários, e a partir daí as acrobacias eram feitas apenas após uma prévia coleta entre os espectadores, que iam aumentando. Sempre suspeitei de que Molina e Benet — mas principalmente Benet — me exploraram durante aquele breve período, mas de qualquer maneira a parte que eu recebia dava-me para regressar a casa de táxi. Pouco depois, os meus improvisados *managers* souberam que eu, além de dar saltos, escrevia, ou pelo menos que tinha escrito um romance. Ambos o leram, e ambos gostaram. Molina acabou por lhe encontrar o título que lhe faltava e Benet tomou providências para a sua publicação. É por isso que *Os domínios do lobo* é dedicado a ambos.

\*

Hoje quase ninguém se escandaliza por a ação de um romance espanhol ter lugar na Alemanha, no Tibete ou no Sul de França, mas em 1971, ano da aparição de *Os domínios do lobo*, ainda muitas pessoas exigiam em Espanha que os romances dessem testemunho da realidade do país e contribuíssem para derrubar o ditador. *Os domínios do lobo* foram bem recebidos por alguns críticos e escritores, que viram nele ironia suficiente, maturidade narrativa e capacidade de efabulação para ser mais do que um exercício ingénuo; mas outros censuraram-me por não me ocupar com a dura realidade espanhola e não me ter baseado no meu mundo e nas minhas experiências pessoais, mas sim num mundo fictício e alheio ao nosso. A verdade é que, com os meus 17 ou 18 anos, eu quase não tinha mais experiência do que a adquirida nas cadeiras de um cinema ou a ler numa poltrona. Mas havia mais.

Já atrás disse que escrevi este romance com inocência. Devo acrescentar que o fiz sobretudo com irresponsabilidade. Se havia mais da segunda do que da primeira é porque estava ciente de algo quando decidi fugir para Paris: eu não queria escrever *necessariamente* sobre a Espanha nem *necessariamente* como um romancista espanhol. As razões desta rejeição (tão global como injusta) eram de ordem literária e de ordem política, mas este não é o lugar para as expor ou para as refutar. Só quero chamar a atenção para o facto de que este desdém inicial pelo *espanhol* (enquanto identificado simplisticamente com o *franquista*) era partilhada com a maioria dos membros da minha geração — a primeira nascida depois de 1939 —, como rapidamente descobri. Ao contrário do que tem por vezes sido dito, esta geração literária esteve tão politicamente comprometida como a anterior, simplesmente fez, pela primeira vez em muito tempo, uma coisa que hoje é óbvia: travou a sua luta política nas salas de aula das universidades, em reuniões clandestinas em caves escuras, e em corridas em campo aberto ou pelas ruas à frente das patas dos

cavalos da polícia, mas nunca nos livros. Embora talvez tenha sido assim apenas porque nenhum dos nossos modelos literários tinha escrito literatura *engagée*.

Agora, ao acabar de reler *Os domínios do lobo* pela primeira vez desde a sua publicação, a fim de o rever para esta edição, dou graças por ter merecido as censuras de alguns críticos e escritores em 1971, porque, se o considero suficientemente aceitável para o reeditar, creio que isso se deve: mais do que a qualquer tipo de talento literário precoce da minha parte, ao facto de ele *não* tratar da minha realidade de então. Já não me lembrava de grandes trechos do livro, nem sequer enquanto os relia, e por me serem biograficamente tão distantes fui capaz de passar os olhos por eles com objetividade e sem corar; e algumas páginas — as melhores — nem sequer me pareceram minhas, ou melhor, típicas do que eu era na altura. Por isso não me resta mais do que reafirmar retrospectivamente aquilo que suponho que já senti no verão de 1969: o romancista debutante deve ter cuidado com a escolha dos seus modelos, porque, quer goste quer não, o seu início vai depender deles. Embora, se bem me lembro, tenha sido Goethe quem o disse com mais clareza: *Tende cuidado com o que quiserdes ser quando fordes mais velhos, porque podeis acabar por conseguir.*

O texto que se segue é quase o mesmo que apareceu na primavera de 1971, há 16 anos. Os livros, na minha opinião, saem de uma só vez, e nunca gostei que um adulto manipule os brinquedos da criança sem o seu consentimento, especialmente quando esta já não pode brincar. Por isso limitei-me a alterar alguns números e doze nomes próprios (a maioria anedóticos) por várias razões, a retificar algumas incorreções elementares e a suprimir bastantes vírgulas que, sendo obrigatórias, agora me incomodavam. A criança, sem dúvida, era mais respeitadora da sintaxe.

JAVIER MARÍAS  
*fevereiro de 1987*

---

## Os domínios do lobo

---

*Para Juan Benet  
e Vicente Molina Foix*



*That was the year  
the small birds in their frail and delicate battalions  
committed suicide against the Empire State,  
having, in some never-explained manner,  
lost their aerial radar, or ignored it.*

*That was the year  
men and women everywhere stopped dying natural  
deaths.*

*The aged, facing sleep, took poison;  
the infant, facing life, died with the mother  
in childbirth;*

*and the whole wild remainder of the population,  
despairing but deliberate, crashed in auto accidents  
on roads as clear and uncluttered as ponds.*

EDWIN ROLFE

A família Taeger, composta por três filhos — Milton, Edward e Arthur —, uma filha — Elaine —, o avô Rudolph, a tia Mansfield e o senhor e a senhora Taeger, começou a desmembrar-se em 1922, quando vivia em Pittsburgh, na Pensilvânia.

Nessa época, Edward tinha 20 anos e estava quase a terminar os seus estudos de História na universidade. Faltava-lhe só um ano e queria casar-se muito em breve, logo que terminasse o curso. O seu pai, Davison Taeger, era arquiteto, ganhava muito dinheiro, e o que mais o preocupava, tal como à sua mulher Grace, era ter uma posição digna e ser considerado um dos elementos mais distintos da alta sociedade de Pittsburgh. Por essa altura, já o havia conseguido e dava todos os meses uma grande festa a que assistiam, em geral, mais de 200 convidados. Foi numa dessas festas que começou a catástrofe familiar.

A tia Mansfield, irmã da senhora Taeger e viúva do projeto de senador Archibald Mansfield, morto num acidente de aviação em 1919, aceitara, aparentemente, muito bem a morte do marido, e nunca tinha feito, naqueles três anos, uma única cena de choro ou histeria. No entanto, à noite, no quarto, quando ninguém a podia ver, ia buscar uma pequena foto do marido, que guardava fechada à chave numa gaveta, e rezava-lhe como se estivesse perante a imagem de um santo. Depois beijava-a durante muito tempo e deitava-se. É claro que nenhum dos membros da família sabia isto, razão pela qual ficaram tão surpreendidos com o que aconteceu na festa correspondente ao mês de novembro de 1922.

Naquele ano não tinha sido possível organizar a do mês de outubro, porque o senhor e a senhora Taeger tinham passado o verão na Europa e regressado muito tarde, de modo que a de

novembro serviu para celebrar o seu regresso e também para dar as boas-vindas ao novo governador do estado, o senhor Ramsay Gilman, um homem de cerca de 45 anos a quem se augurava um futuro brilhante.

A tia Mansfield, sempre sóbria e digna, assistia a estas festas muito ocasionalmente, e quando o fazia limitava-se a sentar-se num sofá, a cumprimentar os convidados gentilmente e a trocar mexericos com Arthur, que era o seu sobrinho favorito. Naquela noite, no entanto, sentiu que algo maravilhoso ia acontecer pelo que, sempre acompanhada por Art, tentou estar mais ativa, misturou-se entre os convidados e até dançou três ou quatro vezes. Estava a descansar numa poltrona, depois de uma valsa extenuante, quando alguém anunciou que o governador do estado estava a chegar. Uma massa de gente bastante considerável precipitou-se em direção à porta e cantou uma cançoneta de boas-vindas, composta pela associação das senhoras de Pittsburgh, que dizia qualquer coisa como:

*Welcome, welcome, Mr Gilman,  
Welcome, welcome to the town.  
We all think that you're a good man  
'Cause you're always dressed in brown.*

[Bem-vindo, bem-vindo, senhor Gilman,  
Bem-vindo, bem-vindo à cidade.  
Todos achamos que é um bom homem,  
Porque se veste sempre de castanho.]

Em seguida, todos riram com grande estrépito e a massa voltou a entrar. A tia Mansfield, ao ouvir esta canção, tinha dito a Art:

— Não sei, Art, como o senhor Gilman tolera este tipo de brincadeiras. O Archie era um homem mais sério. Nunca deixou o seu prestígio sofrer o menor dano. Teria facilmente chegado a senador.

## **Pela primeira vez em Portugal, o romance de estreia de Javier Marías: uma obra que expandiu os horizontes da literatura mundial, diretamente apontada ao coração dos leitores**

O primeiro romance de Javier Marías, publicado originalmente em 1971, quando o autor tinha apenas 19 anos, chega finalmente à língua portuguesa. Cinco décadas volvidas, cumpre brilhantemente o efeito de surpresa e descoberta que é apanágio dos grandes romancistas.

Transportando o leitor para os Estados Unidos da América nas primeiras décadas do século xx, *Os domínios do lobo* é uma homenagem ao tempo áureo do cinema de Hollywood e, simultaneamente, uma inteligente paródia. A narrativa compõe-se de uma sucessão de entusiasmantes aventuras que transitam do *noir* para o melodrama, das paixões bucólicas para a guerra civil americana, da intriga policial para as rixas de *gangsters*.

Considerado transgressor e exótico quando surgiu, este romance revelou desde logo a impressionante maturidade ficcional de Javier Marías, e a ironia fina e arrebatadora capacidade de efabulação que manteve ao longo de cinquenta anos de escrita. O manejo hábil da narrativa, a estrutura audaz e a desenvoltura romanesca trazem-nos um livro que se adiantou ao seu próprio tempo e foi precursor da mais vigorosa literatura contemporânea.






**«À exceção de *Negras costas do tempo*, nunca me senti  
tão livre e flexível, tão atrevido e despojado da servidão  
ao género romanesco, na sua vertente convencional e ortodoxa,  
tão desenvolto e esquivo, tão abrangente e impertinente ao escrever  
um romance como quando comecei, digitei e terminei  
*Os domínios do lobo*, entre os 17 e os 18 anos.»**

**JAVIER MARÍAS**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897847165



9 789897 847165 >